

I.

A gente passa o tempo todo criando. A gente cria o pai, a mãe, as palavras, o espelho, o fora e o dentro, a rua, a cachorrada, a cidade inteira. A gente cria o amor na esquina, no alto, o sonho no chão, o amigo. Depois o tempo enjoa de nós e cria o corpo vazio.

Quando li hoje no jornal que a escritora morreu fiquei pensando nisso. Mas o que me veio primeiro a cabeça foi a imagem de uma xicrinha vermelha, de ágata, que a escritora que eu não conheci devia manter há anos sobre a toalha xadrez de uma mesinha de canto, junto à janela. Essa xicrinha esperava, no começo de todas as manhãs e no fim de todas as tardes, que a escritora a virasse para receber o café quente e a levasse até a porta da cozinha, onde bebericava sem pressa, olhando muito para fora.

Quando li a notícia concluí que a xicrinha não terá sido virada no último dia, e desde então aguarda seu destino, de borco e limpa de café.

Tão movimentada, essa escritora, pastora das nervuras e dos insultos, tão justa. Construí para ela essa toalha xadrez e essa xicrinha de ágata. Quero compreendê-la com alguma clareza: todo alvoroço, por maior que seja, pede um minuto de estabilidade. É com esse princípio egoísta que tendo a receber as desordens do mundo. Quando aporta em casa algum turbilhão de ameaças eu grito logo: - Em forma! - e entro correndo, fechando portas e janelas.

Quero é me sentar com ela anteontem, junto dessa mesinha, e ver como sorve o primeiro gole de café quente, antes de levantar e ir até a porta da cozinha. Quero ficar olhando o corpo de velha chegar lá com alguma preguiça, virar-se para mim, me chamar. Eu lhe aceno da cadeira e espero que ela volte, tão logo esvazie a xicrinha, enquanto olha para o fundo do quintal.

II.

Ela fez tanta questão de construir sua vida e sua morte que soube, melhor que ninguém, não estar construindo nada, além da longa cerimônia que nos entretém a todos, o tempo todo. Tenho inveja do desalinho dos palavrões que ela usava como unhas, como asas de um anjo pontiagudo. Nunca saberei que extraordinária semelhança consegui encontrar entre a sua fúria e os meus adágios. O medo da paz e o medo da guerra, quando se encontram, dão num medo rotineiro, razão de muita vergonha. Melhor fingir que temos só um ou outro, para não confessar tanta mistura.

Não sei se ela guardava um diário em alguma gaveta, um caderno de receitas, que seja, onde terá escrito a palavra jamais publicada, a palavra-reliquia que os escritores fingem não ter, para não desviar os leitores de suas obras completas. Jamais confiada a alguém, essa palavra é a única da nossa vida que soubemos criar para matar conosco.

Eu que me contente com a xicrinha de ágata. Assim de borco, ela dispensa o café, a visita, as palavras, o pai, a mãe, a chácara; dispensa tudo, guardando um último hálito lavado, o beijo sorvedor, o eco da língua estalando. Ao primeiro estrangeiro que a virar, ela responderá com a simples serventia (enquanto despeja no vácuo o resíduo de tudo quanto ouviu).

III.

Mas tenho vontade de lhe dizer, ainda anteontem: *"- Comadre, que tal essa de nós, hein? Você aí, eu aqui, o pessoal todo, hein? todos se equilibrando na nau desvairada, uns cantando, outros matando, outros procriando, outros apanhando, outros fazendo palavras cruzadas, enquanto essa ventania não pára, não pára, não pára. Mas você soube, hein?, prender tão bem os cabelos que ficou livre para espalhar pernas e braços, chutando sem desmanchar o penteado. Enquanto eu, aí de mim, fiquei para sempre circunflexo no meu posto, tentando não incomodar o vizinho de banco para não ser incomodado."*

Quando ontem li a notícia vi que de novo me atrasei. Ainda bem. Nas poucas vezes em que busquei a hora certa de olhar para trás ganhei de volta uma gargalhada. Por isso apareço só agora em tua cozinha, para me certificar da cor vermelha da xícara e passear por tua casa, por teu quintal, por tuas fotos, sem o medo de te encontrar.

Olha: me espantam demais essas diferenças que nos fazem quase idênticos. Não sei se são teus cães, sempre cuidados e famintos, ou os meus, saciados em sua pouca fome, que nos põem lado a lado enquanto caminhamos pelo enorme quintal. Se houvesse aqui um bom banco de pedra te pediria que descansássemos nem que fosse um minuto, só para ouvir teu desdém e anotar tua distração neste meu bem composto diário, que não largo por nada.

Teria algumas hipóteses, para te cansar. Aproveito agora para um sumário desfile: a) quanto mais longa, mais curta se vai fazendo; b) a beleza não acaba nunca, maldição para quem acaba; c) toda vírgula é um luxo; d) pelos buracos escapam muitos segredos; e) o mistério maior é haver tão pouco; f) todas as paixões acabam num banco de praça; g) a poesia gosta de fazer falta sob a forma de gritos; h) bom mesmo é saber ter saudade da gente.

Posto isso, volto para casa e vou tomar café. A gente cria tudo, isso é o mais simples de entender. Ruim mesmo seria não ter o que comentar durante o passeio.

IN: Poeta - completo e prosa. RJ: Nova Aguilar, 1999.

PERMANÊNCIA

Morrerei. Uma parte do meu corpo se transformará em água. Corrirei pela cidade, entrarei nos encanamentos, descerei pelo teu chuveiro. Tu te esfregarás em mim, misturando-me com teu perfume. Circulari nas tuas entranhas.

A outra parte será mudada em semente, em árvore, em papel, rodará nas máquinas tipográficas que imprimirão os poemas que escrevi em teu labor. Teu hábito aquecerá as pobres palavras. Tu me ouvirás, me lerás — e eu te lerei. Tu me lerás em mim.

Desligado do tempo, dispersado no espaço, nascerei para os que ainda vão nascer. Começarei em ti, nos poetas que te glorificam em mim e me glorificam em ti. Existirei para teus filhos, para teus netos e os netos de teus netos. Seremos uma só biografia escrita no sem princípio e sem fim da Grande Unidade.

MURICO MENDES
(1901-1995)

CARLITO
AZEVEDO

CAFÉ

O anjo boxeador senta-se no café do aeroporto e é como se caísse numa cratera de tempo. Tenta perceber de que matéria são feitos os segundos ali dentro, que em nada lembram fluxos matemáticos, padrões, sequências numéricas clássicas, antes pétalas crescendo. Presente que seu raciocínio está cada vez mais próximo de chegar a uma conclusão, mas é apenas o ponteiro da bomba-relógio a aproximar-se do instante detonador. A grande explosão ocorrida a seguir em seu cérebro só se faz notar por uma cintilação nas pupilas que a pálida garçonne toma por um estado de graça. Bebe um gole de café buscando captar alguma vibração nos sentidos esfrangalhados: nota então que, agora, o rumor de uma bagagem de mão pousando no carpete ou o de uma mochila verde-musgo retornando aos ombros do campeão mundial de *windsurf* abafa o motor dos aviões, que passeiam pela pista como crianças no ocase.

Charles BAUDELAIRE

AS JANELAS

AQUELE QUE OLHA, da rua, através de uma janela aberta, jamais vê tantas coisas como quem olha para uma janela fechada. Nada existe mais profundo, mais misterioso, mais fecundo, mais tenebroso, mais deslumbrante, que uma janela iluminada por uma lâmpada. O que se pode ver ao sol nunca é tão interessante como o que acontece por trás de uma vidraça. Naquele quartinho negro ou luminoso a vida palpita, a vida sonha, a vida sofre.

Para além das ondas de telhados, diviso uma mulher já madura, enrugada, pobre, sempre debruçada sobre alguma coisa, e que nunca sai de casa. Pela sua fisionomia, pelas suas vestes, por um gesto seu, por um quase-nada, reconstitui a história dessa mulher, ou antes, a sua lenda, que por vezes conto a mim próprio, a chorar.

Se fosse um pobre velho, eu lhe haveria reconstituído a história com a mesma facilidade.

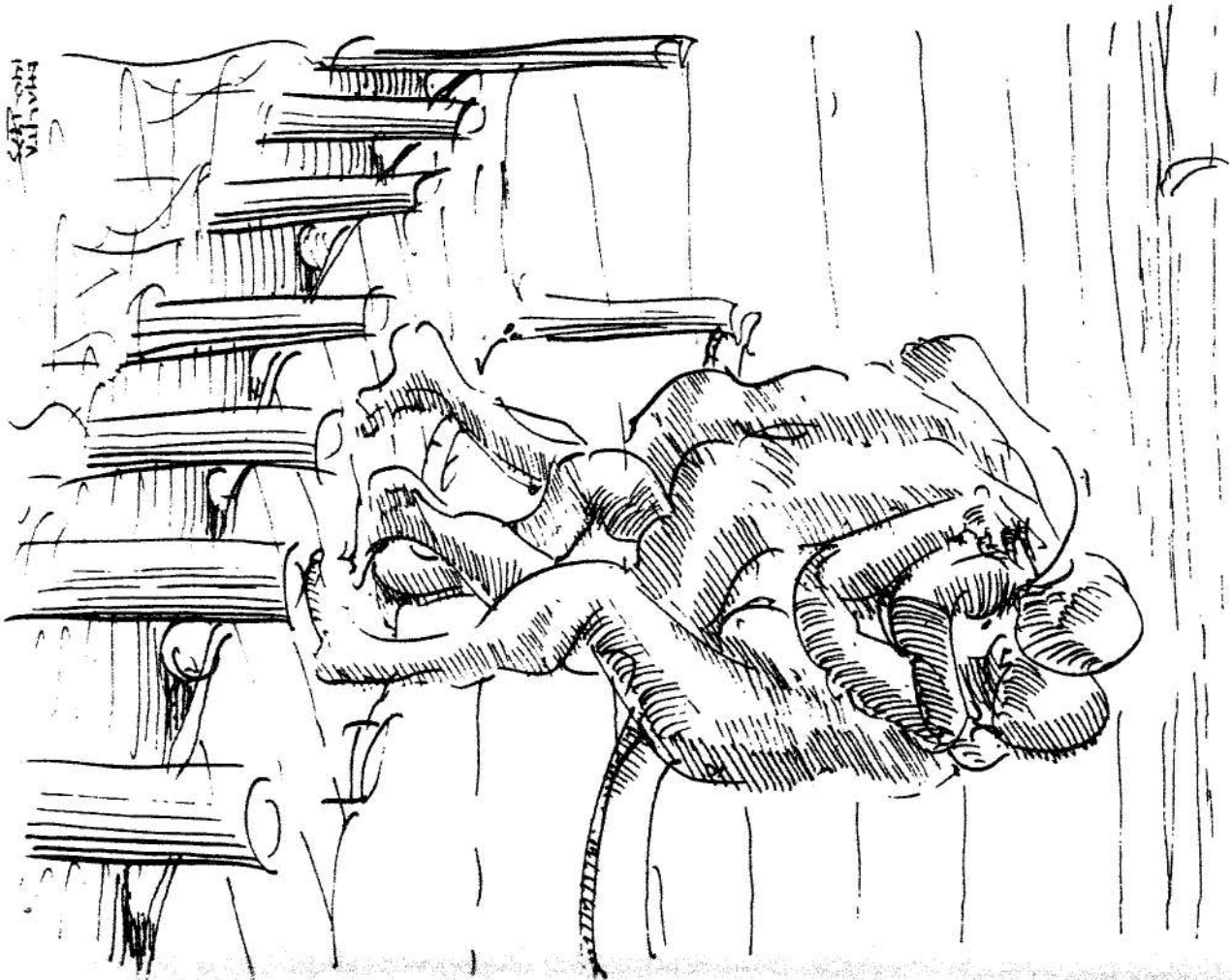
E vou-me deitar, orgulhoso de ter vivido e sofrido em outras criaturas.

Agora, haveis de perguntar-me: — “Estás certo de que essa história seja a verdadeira?” Que importa o que venha a ser a realidade colocada fora de mim, se ela me ajudou a viver, a sentir que sou, e o que sou?

Charles Baudelaire

O PORTO

O PORTO é uma estância encantadora para a alma fatigada pelas lutas da vida. A amplitude do céu, a movediça arquitetura das nuvens, as colorações cambiantes do mar, a cintilação dos faróis, constituem um prisma singularmente adequado a recrear os olhos sem nunca os entediar. As formas esbeltas dos navios, de complicadas enxárcias, aos quais o marulho imprime oscilações harmônicas, servem de entreter na alma o gosto do ritmo e da beleza. E, sobretudo, há uma espécie de prazer misterioso e aristocrático, para aquele a quem já não resta curiosidade nem ambição, em contemplar, esquecidamente, deitado no miradouro ou debruçado no quebra-mar, todos os movimentos dos que partem e dos que voltam, dos que ainda têm a força de querer, o desejo de viagens ou de riquezas.



O PEDAÇO DE CARNE

Cada pedaço de carne é uma espécie de fábrica, moinhos e lagares de sangue.

Tubulações, altos-fornos, cubas - vizinhos de martelos-pilões, coxins de graxa.

O vapor jorra, fervente. Fogos sombrios ou claros encarnam-se.

Sarjetas a céu aberto carregam escórias e fel.

E lentamente, à noite, à morte, todas essas coisas se resfriam.

Breve, se não a ferrugem, pelo menos outras reações químicas se produzem, liberando odores pestilenciais.

Trad. Júlio Castañon Guimarães